

RELATO DE EXPERIÊNCIA: FORMAÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DE JOVENS MULHERES A PARTIR DA REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NO PODER

Yslia Batista Alencar¹

Francisco Robério Pereira Barros²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo suscitar a discussão, por meio de relato de experiência, a respeito da formação político-social de mulheres mediante o reconhecimento da figura de “sujeitas políticas” em espaços de poder. Tal trabalho é resultado de um dos projetos desenvolvidos com estudantes de ensino médio, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. A Metodologia utilizada consiste na elaboração e aplicação de oficina e minicurso sob a temática de, respectivamente: “mulheres e política” e “mulheres negras na política”. Dado que o projeto ainda está em curso, as atividades relatadas nesse trabalho referem-se somente a aplicação da oficina. A atividade foi realizada com alunos da escola Teodorico Teles de Quental, município de Crato-CE, lugar em que desenvolvemos as atividades do PIBID. Na aplicação da oficina e durante as discussões em grupo nos utilizamos de figuras de mulheres, que apesar de não estarem em lugares hierarquicamente destacados, de poder, ocupam espaços que historicamente são hegemonicamente masculinos e brancos. Mesclando imagens e biografias, especialmente de mulheres pretas, foi possível notar que as mesmas eram em sua maioria desconhecidas pelos alunos, sendo algumas figuras públicas mais facilmente reconhecidas. Iniciando a oficina desconstruindo o que são cargos políticos, passamos a resignificar o que é sujeito político. Compreendendo que tudo o que fazemos é um ato político, entende-se que ocupar espaços como a academia, em cursos elitistas e masculinos é sim uma atividade política. Aplicamos a oficina em turmas de primeiros anos e mesmo majoritariamente as turmas serem compostas por meninas, aqueles que mais se manifestavam, ou tinham menos “timidez” eram os meninos. As meninas vão sentindo a necessidade de participar quanto mais se sentem representadas nos perfis de mulheres, nas histórias retratadas e nas ocupações políticas das mulheres expostas na oficina. Dito isso, podemos inferir que há pouco ou quase nenhum sentimento de reconhecimento de jovens mulheres em outras mulheres de iguais posições sociais ocupando os espaços de poder, bem como não há

¹ Graduanda em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri – URCA e bolsista de iniciação à docência pelo PIBID.

² Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri – URCA e bolsista de iniciação à docência pelo PIBID

sentimento de pertença de ocupação desses espaços. Isso porque são extremamente desconhecidas as sujeitas que atuam como representatividade nesses espaços. Desde a literatura até à política profissional. Fazendo-se cada vez mais necessário esse trabalho de apresentação e construção de narrativas, especialmente entre as jovens, discutindo as relações de desigualdade de gênero e como isso efetivamente atinge aqui em especial as mulheres, na ocupação desses espaços de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, Representatividade, Poder.

INTRODUÇÃO

O relato de experiência que se segue descreve as experiências pedagógicas em sala de aula no tocante a discussão de gênero e poder, por meio da iniciativa de se trabalhar mulheres e política. A ideia principal que motivou trabalhar essa temática gira em torno de que era preciso “Tornar visível aquela que fora ocultada [...]. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da Ciência” (LOURO, 2014, p.21). Em especial a mulher negra.

Nesse sentido, pensando primeiramente produzir o debate a cerca da ocupação dos espaços políticos e de poder pelas mulheres, problematizando a pouca ou nula incidência de mulheres nesses espaços. Assim como construir narrativas que tirem da invisibilidade mulheres que ocupam tais espaços, foi planejado a execução de uma oficina e um minicurso, sob as temáticas: “mulher e política” e “mulher negra e política”.

Por que pensar tais questões no âmbito escolar? Porque a escola é claramente uma das instituições sociais em que as desigualdades sociais são produzidas e reproduzidas, é, portanto, justificável a partir dela trabalhar esse processo de desconstrução dos papéis sociais historicamente marcados, como, por exemplo, qual o sujeito político ativo e transformador da sociedade, seria ele de fato masculino e branco?

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam, distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de

crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 2014, p.61).

OBJETIVOS

Como objetivos buscamos inicialmente provocar questionamentos a cerca da representatividade de mulheres nos espaços políticos, logo de poder. Problematicando questões como as desigualdades de gênero nos espaços acadêmicos, privados e na política profissional. Desenvisibilizar figuras de representatividade feminina nos espaços de poder, construindo reconhecimento e pertencimento de/em jovens mulheres da possibilidade da ocupação de espaços de poder por indivíduos de identidades e lugares sociais semelhantes. Por fim, contribuir para o desenvolvimento de um sujeito político que seja mais feminino e consciente de suas trajetórias históricas e políticas, que construa seu discurso sobre narrativas mais identitárias e mais referenciativas.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesse trabalho consistiu na elaboração de oficina com a temática “mulheres e política”, levando o nome da oficina de “mulheres e representatividade”. Onde o primeiro passo foi desconstruir o que era de fato política e espaços políticos. Segundo, utilizando imagens e biografias de mulheres, programadoras, prêmios Nobel, políticas, físicas, etc., pedimos que os alunos correlacionassem as imagens aos nomes e as biografias que estavam divididos e espalhados sobre a mesa. Fizemos uso, sobretudo, de mulheres pretas, algumas mulheres eram figuras públicas o que tornaria mais fácil o reconhecimento. Durante o decorrer da aplicação da oficina desenvolvemos as discussões com os estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que esta foi a primeira parte do projeto desenvolvido a ser trabalhando com os estudantes em questão e do mesmo modo para muitos fora o primeiro contato com o tema. Notamos que, muitos desconheciam ou tinha concepções equivocadas sobre a concepção de gênero, é preciso reafirmar que trabalhamos com alunos de primeiros anos, então foi preciso desconstruir inicialmente certos equívocos.

Segundo, quanto à participação desses, notamos que de primeiro instante foi muito mais fácil ter a participação dos meninos, mesmo que às vezes de forma mais desinibida, podemos dizer assim. Guacira Lopes (2014) nos diz que no ambiente escola aprendemos a

internalizar normas gramaticais que exigem o masculino, nos parece que essas normas transcendem a escrita até a oralidade, nos enquanto mulheres, tendemos a nos silenciar pela “timidez”. Mas que posteriormente a voz feminina, que é majoritária nas turmas, vai crescendo conforme o interesse na dinâmica e na discussão, sobretudo, vai aumentando, o que é importantíssimo. Isso se traduz no fato de que a representatividade empodera, empoderando ela dá voz, de uma perspectiva emancipatória.

CONCLUSÕES

Desse modo, é possível dizer que discutir as relações de desigualdade de gênero, poder e representatividade, contribui efetivamente na formação político-social dos sujeitos, em especial no intuito desta atividade, de jovens mulheres e logo cidadãs.

Visto que, trata-se de um relato de experiência cujo projeto completo ainda está em curso, as percepções relatadas aqui tratam-se de um contato inicial. Esperamos com o decorrer das atividades conseguir mais resultados positivos no que diz respeito à percepção crítica das e dos jovens em formação, tal como é função da sociologia. Bem como promover a construção de novas narrativas a despeito dos lugares de poder por meio da representatividade de minorias como as mulheres.

REFERÊNCIAS

LOURO, G. L. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BIBLIOGRAFIA

DÁVILA, J. Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DIAZ, M.; CABRAL, F. Relações de Gênero. <<http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/genero-1>> Acesso em: 01/04/2019.

LOURO, G. L. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.